



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração das novas instalações da UFJF**

Juiz de Fora-MG, 17 de setembro de 2010

Eu queria, em primeiro lugar, cumprimentar o meu companheiro ministro Fernando Haddad e, cumprimentando ele, cumprimentar as demais autoridades do meu governo, da cidade e do estado.

Quero cumprimentar os magníficos reitores Henrique Duque Filho, da Universidade Federal de Juiz de Fora; o Antônio Nazareno Mendes, da Universidade Federal de Lavras; e Luiz Carlos [Cláudio] Costa, da Universidade Federal de Viçosa,

Quero cumprimentar a nossa querida Fabíola, que falou aqui, em nome dos estudantes,

E quero cumprimentar a nossa querida Vanessa dos Santos, por meio de quem eu quero saudar os demais integrantes do Grupo Afrolata e do Instituto Cidade, vinculada ao Programa Segundo Tempo, que estão aqui as nossas crianças.

Eu, na verdade, nem deveria falar, porque daqui a pouco eu vou ter que falar outra vez, mas eu queria cumprimentar o Conselho da Universidade, que estão aqui, me olhando e analisando quantos erros de português eu vou cometer no meu discurso.

E queria dizer para vocês... Se puder tirar esse púlpito, aqui, que é muito bom. Eu queria dizer que seria muito importante que a gente acompanhasse com bastante atenção o que está acontecendo no nosso país. E quando eu digo prestar atenção sobre o que está acontecendo no nosso país é porque o Brasil vive um momento quase que mágico na sua história.



Eu tenho 64 anos de idade. Quem quiser me dar presente, dia 27 de outubro, eu completo 65 anos de idade. Desses 65 anos de idade, 30 anos da minha vida, ou 35, eu passei na luta do Movimento Sindical. Eu, em 1975, foi a primeira vez que eu vim a Juiz de Fora, a convite do companheiro Ivan, que era presidente do DCE aqui, da universidade, me deu um cálculo renal desgraçado, eu tomei duas Buscopan com glicose na veia e nem pude participar do debate. Mas, nesses 35 anos, eu passei parte da minha vida reivindicando, brigando e tentando conquistar milímetro por milímetro de conquista para melhorar a vida do povo brasileiro. Não foi uma luta fácil, até que eu tomei consciência de que era preciso a gente, para fazer aquilo que a gente queria fazer, a gente não apenas reivindicar, mas a gente postular o direito de governar este país. Parecia um desejo impossível de ser alcançado, primeiro porque não tinha, na história do país, um exemplo da criação de um partido político criado por operários e dirigido por operários. Historicamente, historicamente, diziam que operários não tinham cultura suficiente para pensar e para agir, tinha que ter sempre alguém mais estudado do que ele para dizer o que ele deveria fazer. A primeira coisa que nós fizemos foi desmistificar essa história do conhecimento científico e acadêmico das pessoas com a inteligência que cada um de nós sai do útero da nossa mãe e que a gente pode aperfeiçoá-la vivendo. Mas, também, não tinha muita prática de que a gente pudesse chegar ao governo, não tinha exemplo de que um trabalhador pudesse criar um partido e pudesse pleitear a presidência e pudesse chegar à presidência. Não tinha exemplo. Ou seja, mesmo nos partidos comunistas, que fizeram a revolução pelo mundo afora, não eram os trabalhadores que governavam os países, apesar de dizerem que os trabalhadores participavam ativamente, mas eles não dirigiam.

Pois bem, para que a gente chegasse onde nós estamos hoje, era preciso passar por um processo de provação. Primeiro, vencer todos os preconceitos que a gente passa pela vida, todos os preconceitos, sobretudo o



preconceito de que não tem um diploma universitário. Depois, era preciso vencer o medo da sociedade. A sociedade, com muita razão, ela tinha dúvida de saber: “Será que esse tal de Lula, chegando lá, ele vai dar conta? O Brasil é muito grande, tem muitos problemas, os militares não vão deixar ele chegar”. Os empresários ameaçavam ir embora para Miami. Então, era preciso votar em alguém que fosse do lado deles, que tivesse a pele deles e que, de preferência, soubesse falar mais que uma, duas ou três línguas, e não apenas falar “menas laranja”, como eu falava em 1989, quando disputei as eleições para presidente da República.

Eu, ao mesmo tempo, eu tinha consciência de que, ao chegar à Presidência da República, a gente tinha que provar que existe uma diferença muito grande entre a teoria e a prática. Na teoria, a gente pode colocar coisas que, na prática, a gente não pode executar. E para pegar uma coisa simples da diferença da teoria e da prática: um teórico, ele diz simplesmente que o dia tem 24 horas, e tem uma música do Djavan que diz que o prático divide o dia entre tarde, manhã e noite, porque é assim que vive a humanidade, que ela se distribui para dormir, para trabalhar, para comer e para levantar.

Pois bem, nós chegamos depois de perder. Eu perdi muitas eleições, muitas. Agora quero agradecer a Juiz de Fora, porque aqui eu ganhei todas as eleições que eu participei. Eu, realmente, realmente sou agradecido ao carinho de Juiz de Fora, porque, mesmo quando parecia que eu perdia até em Garanhuns, onde eu nasci, Juiz de Fora se revelava e dizia: “Aqui nós não perderemos”.

Pois bem, chegando à Presidência da República, era preciso a gente provar que nós tínhamos que transformar o aprendizado de toda uma vida, uma relação política de toda uma vida, em coisas concretas. A primeira coisa que nós fizemos foi estabelecer uma nova relação entre o governo e a sociedade, entre o Estado e a sociedade, entre o governo e o movimento social organizado. Por isso, nós fizemos mais de 70 conferências nacionais. Cada



conferência era feita, primeiro, a nível municipal; depois, a nível estadual; depois, a nível federal. Era Conferência de Comunicação, era Conferência de Segurança Pública, era Conferência de Educação, era Conferência de Saúde, era Conferência de GLTB. Era conferência de tudo o que vocês possam imaginar. Conferência de Índio, Conferência de Negro, Conferência de Portadores de Deficiência. Ou seja, tudo o que vocês possam imaginar. Foram 72 conferências ajudando a gente a elaborar as políticas públicas que nós tínhamos que colocar em prática neste país. Assim, nós estamos terminando o mandato, e eu falo com muito orgulho, falo com muito orgulho: eu não sei na história, eu não sei na história do Brasil, quantas vezes um presidente pode sair de uma reunião com trabalhadores, se reunir com os empresários, sair de uma reunião dos Sem-Terra, se reunir com os estudantes, sair dos estudantes, se reunir com os catadores de papéis, sair dos catadores de papéis, se reunir com os reitores, com os intelectuais, falando sempre a mesma linguagem, porque um político não pode ter duas caras. E também... E também porque nós não temos o direito de governar para nós. A proposta da Educação não é para contemplar o Ministro da Educação e o presidente da República. A proposta de Ciência e Tecnologia não é para contentar o Ministro de Ciência e Tecnologia e o presidente. É preciso que a gente contemple o acúmulo que a comunidade criou e que a comunidade construiu na área da Educação, na área da Saúde, na área da Ciência e Tecnologia, na área de todas as coisas que nós, a vida inteira, brigamos para construir.

Pois bem, eu não sei se é motivo de orgulho, eu não sei se é motivo de orgulho. Para mim, é, mas, para o Brasil, não é motivo de orgulho. Primeiro, não é motivo de orgulho a gente saber que este país, durante todo o tempo que teve a Proclamação da República, que este país, que só teve doutores, fazendeiros, empresários, advogados, até professor que renunciou seis meses depois que tomou posse já teve, e seja exatamente um presidente que não tem



diploma universitário a ser o presidente que mais fez universidades na história deste país, que mais fez escolas técnicas.

Em cem anos, em cem anos, a elite brasileira fez 140 escolas técnicas, em um século; em oito anos, nós fizemos 214 escolas técnicas. Não são apenas as 14 universidades que disse o companheiro Fernando Haddad, que eu acho que, sem dúvida nenhuma, este companheiro vai passar para a história, até agora, como o melhor ministro da Educação que este país já teve. O Ministro, aqui mesmo nesta universidade, o ministro da Educação passado foi até sequestrado aqui, não conseguiu nem falar, porque eles não se reuniam nem com reitores, eles tinham medo de se reunir com reitores, de se reunir com sindicalistas, de se reunir com prefeito, de se reunir com os estudantes. Ou seja, eu me reúno com reitores, com os estudantes, com prefeitos, com delegados de polícia, com militares, com empresários, e estou inteirinho, da mesma forma que eu entrei, e muito mais consciente de que a democracia brasileira está fortalecida.

Portanto, o que nós estamos conquistando hoje não é uma obra nossa. Nós apenas somos os fios condutores e aqueles que tornam público. Cada um de vocês, cada um de vocês tem a responsabilidade pelo que está acontecendo no Brasil. Este país... A elite política deste país permitiu, durante um século, que este país fosse tratado como se fossem homens e mulheres de segunda classe, como se tudo o que viesse de fora fosse melhor, como se nós não fôssemos capazes de nada. Este país vivia pedindo favor. Este país não conseguia tomar decisão na área econômica, porque o FMI não deixava. Este país utilizava as palavras “gasto em Educação”, quando deveria utilizar as palavras “investimento em Educação”.

Veja, prefeito, veja, Padilha, veja, reitores, veja, ministros, quantos anos faz que eu vou a um ato público e não tem uma faixa “Fora FMI”. Se fosse em outros tempos, eu nem conseguia ver a cara de vocês, de tanta faixa que tinha



"Fora FMI". Hoje, o FMI está fora, nós não devemos nada para eles, e eles nos devem US\$ 14 bilhões que nós emprestamos para eles.

Eu queria dizer para vocês que é muito gratificante, nesses 50 anos desta universidade, a gente estar aqui comemorando mais investimento, comemorando mais conquista de vocês, e isso não para mais, porque nós tomamos consciência. Não eu, não o Fernando Haddad; a sociedade brasileira tomou consciência de que o Brasil não quer mais ser apenas exportador de *commodities*, que o Brasil não quer ser apenas o grande exportador de minério, que o Brasil não quer ser apenas o grande exportador de carne ou o grande exportador de soja, ou o grande exportador de sujo de laranja. Nós queremos competir é na exportação de produtos com valor agregado, do conhecimento, da inteligência do povo brasileiro, e daí por que nós temos que investir mais em Educação, cada vez mais em Educação, porque somente a Educação é que vai transformar este país em um país efetivamente soberano, dono do seu nariz, um país dono do seu território, dono da Amazônia, dono das suas águas, dono do seu petróleo e dono do seu nariz. É isso que vai transformar esta pátria em uma pátria grande, livre e soberana, sem ficar dependendo de ninguém. É por isso que, no pré-sal... É por isso que no pré-sal...

Gente, eu vou contar uma coisa para vocês. Eu não vou dizer o nome do santo, mas vou contar o milagre. No dia 24, este país vai acordar vendo acontecer uma coisa que jamais vocês imaginaram ver acontecer. Nós vamos à Bolsa de Valores de São Paulo, e este país vai presenciar a maior capitalização de uma empresa da história da humanidade. Aqui, nós, Brasil e Petrobras, mostrando ao mundo que nós vamos, diferentemente daqueles que vieram antes de nós, que iam à Bolsa para bater uma plaquinha, para vender as empresas estatais, nós vamos bater um martelinho para capitalizar a nossa querida e sonhada Petrobras, para garantir que o pré-sal seja nosso, para garantir que, do pré-sal, a gente crie um fundo de Educação, para que a gente crie um fundo para combater a pobreza, para investir em Cultura, em Ciência e



Tecnologia, para que este país, daqui a dez ou 15 anos, se transforme na quarta, na quinta, na terceira, e por que não dizer, a gente competir para ser uma das primeiras economias do mundo, com justiça social, com educação de qualidade.

Por isso, meu querido, magnífico Reitor, é com muita alegria que eu estou aqui, não falando mais “menos laranja”, “menas laranja”; estou aqui dizendo para vocês: eu aprendi, investi na Educação, não porque eu tivesse aprendido na universidade. Não pense que eu falo isso porque também não gosto, eu adoraria ter um curso superior, adoraria. Quem sabe agora, depois de Presidente, eu possa tirar um curso ou dar aula para ensinar algumas pessoas como governar este país, como governar esta nação.

Pois bem, companheiros e companheiras, primeiro, o que faz a gente estar fazendo isso é o fato de a gente não ter tido Educação. O fato de eu não ter podido fazer uma universidade é que me fez, junto com o Fernando Haddad, transformar esse desejo quase em uma obsessão. Eu garanti para os filhos dos brasileiros, para os meus filhos e para os meus netos aquilo que eu não pude receber dos meus pais. Garanti que vocês possam ter muito mais e melhor, porque este país terá que dar aos seus filhos um futuro digno.

E hoje, quando eu venho à universidade e quando eu vejo o que está sendo feito aqui... São 65 obras aqui, são milhões de investimentos, são milhões de investimentos. E nós vamos fazer por todo o território nacional. Só para vocês terem ideia, são três milhões, são três milhões... Imagina isso, são três milhões e meio de metros quadrados de obras que nós estamos fazendo em todas as universidades deste país.

Portanto, queridos companheiros, eu quero dizer para vocês: estejam certos de que não existe nenhuma razão para a gente desanimar. A nossa passagem pela terra é muito curta. Alguns, como Oscar Niemeyer, vivem 103 anos; alguns, como Dona Canô, que fez aniversário ontem, a mãe do Caetano Veloso, fazem 102; outros morrem antes de chegar aos 70, a média de vida é



75. Então, nós não temos o direito de fraquejar na nossa passagem pela terra, nós não temos que ter medo de obstáculo, nós precisamos brigar 24 horas por dia para a gente poder conquistar aquilo que a gente quer, sobretudo quando a gente é jovem, homem e mulher. É preciso estudar, é preciso se preparar, porque o mundo do futuro será o mundo do conhecimento, e quem não tiver conhecimento vai ficar para trás, e eu acho que não é justo que a nossa juventude não possa, no século XXI, viver mais dignamente do que a nossa juventude viveu no século XX.

Um grande abraço, meus amigos. Um grande abraço, companheiras. E vamos continuar investindo na Educação brasileira.

(\$211A)